

## Meio ambiente urbano a partir das percepções de mulheres 60+ de Belém e de Curitiba

Camila de Andrade Simões

Andrei de Souza Simões

O meio ambiente urbano onde vivemos e envelhecemos tem influência na qualidade de vida? Sem dúvida, um questionamento relevante e complexo a se responder. Contudo, vale refletir sobre ele.

Meio ambiente é todo espaço ao nosso redor, envolve o ambiente natural modificado ou não, as construções onde moramos, até mesmo as relações sociais que tecemos como motivo e consequência da vida em sociedade. Nesse sentido a vida urbana, ou seja, a vida nas cidades, tem características próprias e desafiadoras como resultado do considerado sucesso da humanidade. É o que se discute já na primeira seção do *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, da Organização Mundial da Saúde, a OMS (OMS, 2008).

De início, a organização relaciona o crescimento e a longevidade populacional junto ao fenômeno da urbanização como representantes do século XXI. Continuam, “[...] Ao mesmo tempo em que as cidades crescem, aumenta, cada vez mais, o seu contingente de residentes com 60 anos ou mais” (OMS, 2008, p. 7). O objetivo do *Guia* é “mobilizar cidades para se tornem mais amigas do idoso, para poderem usufruir o potencial que os idosos representam para a humanidade” (Idem).

De toda forma, o documento amplia olhares sobre o assunto e ajuda a discussão sobre o processo de envelhecimento e como o ambiente urbano pode ser mais amigável, contando com 8 aspectos principais: (1) espaços abertos e prédios, (2) transporte, (3) moradia, (4) participação social, (5) respeito e inclusão social, (6) participação cívica e emprego, (7) comunicação e informação, (8) apoio comunitário e serviços de saúde (OMS, 2008). Assim, a iniciativa se torna possível ferramenta de agendamento de pesquisa, na busca por compreender quais dessas categorias, eventualmente, irão surgir nas falas das interlocutoras da pesquisa.

Falando sobre elas, foram 6 mulheres entrevistadas de 69 a 82 anos de idade, metade na capital do Pará, a cidade de Belém, e metade na capital do Paraná, a cidade de Curitiba. As entrevistas foram individuais, com duração média de 60 minutos e registro em áudio.

Esta é uma pesquisa qualitativa, partindo do conjunto de técnicas propostas pelo método história de vida (NOGUEIRA *et al*, 2017), passando pela análise temática (AT) à procura de recorrências nas falas coletadas (BRAUN e CLARKE, 2006), chegando em uma discussão que retoma o questionamento inicial sobre qualidade de vida e as influências do meio ambiente urbano.

A presente discussão faz parte do projeto “A percepção de problemas ambientais urbanos e suas influências nas vidas de mulheres mais velhas em Belém e em Curitiba: um choque entre o Brasil do Norte e o do Sul”, selecionado por meio do *Edital Acadêmico de Pesquisa 2022: envelhecer com futuro* do Itaú Viver Mais e do Portal do Envelhecimento e Longevidade. O protocolo desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, parecer de número 5.822.960, de 16 de dezembro de 2022.

A seguir, algumas complexidades do envelhecimento em ambiente urbano, as falas e as impressões das interlocutoras da pesquisa, além das reflexões finais e da lista de referências da presente discussão.

### **Complexidades do envelhecimento em ambiente urbano**

Segundo uma estimativa do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, em 2050 serão cerca de 22% de pessoas com 60 anos ou mais no mundo, contra 11% em 2006, quando deve haver mais idosos do que crianças (de 0 a 14 anos) fazendo parte da população mundial (OMS, 2008, p. 8). Ao mesmo tempo a sociedade humana se agrupa em ambientes urbanos, formando as conhecidas megacidades, por exemplo, podendo compor ambientes urbanos em até 68% até 2050 (ONU BRASIL, 2022).

Os desafios no acolhimento dessa população devem envolver e relacionar grandes aspectos, como já colocados, com o horizonte voltado ao envelhecimento ativo. Segundo a OMS, são determinantes do envelhecimento ativo os fatores econômicos, sociais e de saúde, os fatores físicos, além dos determinantes pessoais e comportamentais (OMS, 2008, p. 10). Então, um exercício de pensar o envelhecimento humano e o contexto da longevidade deve ser complexo e de lentes amplas.

A caminho do recorte a partir de onde se olha, as cidades de Belém, capital do Pará, e de Curitiba, capital do Paraná, são municípios que apresentam oposições que remontam desde o modo de fundação até chegar às formas de gestão e contradições próprias - instâncias que não serão abordadas nesta ocasião. Com isso em mente, dados objetivos podem ajudar a compreender uma realidade conectada à qualidade de vida no envelhecimento e como essas frentes podem estar interligadas.

Em artigo para o Portal do Envelhecimento e Longevidade ressaltamos algumas diferenças estruturais entre as cidades e os índices de autonomia ou independência (física) dos moradores mais velhos (SIMÕES; SIMÕES; PENICHE, 2023). A começar pela estrutura urbana, 16,4% dos brasileiros ainda vivem sem abastecimento de água, 46,3% sem ao menos coleta de esgoto e 61,9% dos municípios não possuem coleta seletiva de lixo (Idem). Em recorte mais detalhado, se verifica alguns impactos na saúde urbana relacionada, ainda, a questões hídricas.

Em uma comparação inicial e direta, em 2021, já eram quase 19 milhões de pessoas residindo na região Norte, divididas em 7 estados com mais de 13 milhões de indivíduos urbanos, sendo 60% com acesso à água, apenas 14% com coleta de esgoto e mais de **25 mil interações motivadas por doenças de veiculação hídrica** [8]; já

na região Sul, com pouco mais de 30 milhões de habitantes divididos em 3 estados e 85,5% de indivíduos urbanos, 91,3% da população tem acesso à água, 48,4% possui coleta de esgoto e são, ainda, quase **13 mil internações por motivos relacionados a doenças veiculadas por meio da água** usada por humanos [9]. (Painel do saneamento Brasil, 2023 *apud* SIMÕES; SIMÕES; PENICHE, 2023, grifos nossos)

Também foi possível identificar o índice de autonomia ou independência de pessoas com 60 anos ou mais em Belém, chegando a 19,48%, e em Curitiba, chegando ao dobro da primeira cidade alcançando 40% nesse quesito (PLATAFORMA LONGEVIVER, 2023 *apud* SIMÕES; SIMÕES; PENICHE, 2023).

Com isso, então, já é possível perceber indícios da qualidade de vida ligada aos aspectos estruturais das cidades, assim como de impactos possíveis na instância da saúde da população. Outras características, como a física e a comportamental, são particulares aos indivíduos influenciadas, em medidas variáveis, pelo meio ambiente que os rodeiam. Podemos incluir aqui, problemáticas ligadas à temperatura e sensação térmica, poluição sonora ou mesmo a influência da baixa qualidade do sono.

Em resumo, pensar o ser humano em sua completude interna (biológica e psicológica) e externa (onde vive e em quais condições) pode representar reflexões valiosas para a gestão do envelhecimento em ambiente urbano e em variados aspectos. A seguir, o que apareceu nas falas das mulheres interlocutoras da pesquisa, o que as aproxima e o que as afasta como exercício comparativo necessário para entender recortes da realidade investigada.

### **Mulheres de Belém e de Curitiba: aproximações e afastamentos**

As falas das mulheres investigadas mostraram aproximações e afastamentos a serem descritos aqui que representam um universo complexo, atravessando o papel social da mulher, suas vivências e experiências, dentro e fora do ambiente doméstico.

Todas elas estiveram, até a viuvez, ou estão em relacionamentos formais. Todas as entrevistadas de Belém são viúvas, enquanto todas as entrevistadas de Curitiba têm parceiros vivos e moram juntos. As interlocutoras de Belém dividem casa e/ou terreno com outros integrantes da família, como filhos e netos. Já as interlocutoras de Curitiba dividem residência apenas com os respectivos maridos, tendo os filhos uma trajetória própria - tanto em relação à moradia quanto financeiramente.

Uma ocorrência que emergiu foi o fato de que todas não nasceram nas cidades onde moram. Vieram de outras cidades à procura de oportunidades, falaram sobre dar “melhores condições” de estudo aos filhos e sobre trabalhos realizados em períodos já passados. As mulheres moradoras de Belém apresentaram históricos de trabalho conectados à serviços terceirizados (como na área da limpeza de ambientes institucionais ou na costura) ou ainda ao setor de vendas (trabalho direto no comércio local, formal e/ou informal). Já aquelas moradoras de Curitiba apresentaram trabalhos relacionados ao setor educativo (Professoras/Educadoras em escolas infantis) ou à administração de negócios dos maridos.

Mesmo que as configurações familiares sejam diferentes, assim como as trajetórias de trabalho, a motivação da mobilidade entre cidades junto ao desejo das chamadas melhores oportunidades no contexto da criação dos filhos aproximam as experiências dessas mulheres, independentemente da região onde moram. Após conhecê-las em descrição limitada, necessária devido a questões éticas, é possível passar para recorrências nas impressões sobre onde moram e que também são ocorrências identificadas como essenciais no contexto das discussões sobre o que poderia vir a ser uma cidade, de fato, “amiga do idoso”.

Nessa direção, aspectos sobre **moradia, transporte e mobilidade, sociabilidades e cultura** apareceram com ênfases nas diferenças, exceto as últimas duas categorias a partir das quais é possível perceber maiores aproximações. Algumas características das residências das interlocutoras da pesquisa já foram colocadas mas, estruturalmente, as casas das moradoras de Belém apresentaram várias fases de construção e necessidade de ar condicionado devido à relatos sobre o clima e a temperatura da cidade, com média de 30° ao longo do dia, na maior parte do ano (CLIMATE-DATA.ORG, 2023a). Contudo, apenas 1 das 3 entrevistadas de Belém tinha acesso ao recurso.

Já as casas das moradoras de Curitiba foram identificadas como completamente construídas e com aquecedores pontuais, para suprir a necessidade de aquecimento durante o inverno (de junho a setembro); a temperatura média é de 17° ao longo do ano, podendo ser cerca de 10° a menos em períodos do inverno (CLIMATE-DATA.ORG, 2023b). De todo, relataram que as residências eram ventiladas e agradáveis.

A forma a partir da qual vivenciam a cidade também é um ponto de aproximação, andar pelas ruas do bairro para resolver questões cotidianas, fazer pequenas compras, enfim, são ocorrências da pesquisa.

Gosto, sim, eu moro bem no centro da cidade, tem tudo o que a gente precisa pertinho, a gente faz quase tudo a pé, porque o trânsito também não favorece muito o deslocamento de carro pra lá e pra cá, não é? Se eu preciso de uma comprinha é tudo correndinho, padaria, farmácia, quitanda, tudo a pé, tudo pertinho. (Interlocutora de Curitiba, 72 anos, 2023)

Eu vou a pé, eu vou a pé porque eu vou abelhudando tudinho da feira [risos]. Aí eu vou batendo papo, encontro 3, 4, saio daqui 8 horas, chego quase 11 horas. Eu vou batendo papo, um com outro, “ô, fulano, como é que vai?” e aí fica, e aí eu vou. Quando eu volto, que eu já venho com peso, aí eu já pego ônibus pra vir mas, pra ir, eu vou a pé. (Interlocutora de Belém, 82 anos, 2023)

Na esteira do transporte público, as impressões a partir de Belém evidenciam um tipo de qualidade física do transporte assim como comportamental pessoal e profissional, por parte de frequentadores e de trabalhadores, respectivamente.

Os ônibus são tudo, assim, quebrado, sei lá, os motoristas não respeitam as pessoas idosas. A gente entra, só falta derrubar a gente,

isso me incomoda muito. A gente vai num ônibus, vai em pé, não tem ninguém que diga assim “sente aqui, não quer sentar?”, não tem. As pessoas são muito mal-educadas, sei lá, isso me incomoda muito. [...] A gente fica muito tempo esperando o ônibus passar. Mesmo aqui que é uma Avenida, demora muito. E quando vai ver vem o ônibus, você dá sinal e ele não para, porque vê que é idoso que tá na parada, entendeu? Ainda tem essa questão. Eles passam direto, não para. Se for só idoso na parada eles não param. [...] Tem que sair muito antes pra você chegar lá na hora que tá marcado. Tem vez que é uma hora antes, se eu for pra São Braz, que eu sempre tenho um ginecologista que eu vou pra lá, eu tenho que sair daqui no mínimo umas 6 horas pra mim estar lá umas 7h30. Porque se eu deixar pra sair 7 horas, umas 6h30, eu chego lá mais de 8 horas, porque o trânsito é muito ruim. (Interlocutora de Belém, 69 anos, 2023)

Aí, olha, a casa da minha irmã e a casa do meu filho não dá pra ir fim de semana que só tem dois ônibus pra lá, fim de semana. Deus o livre, a maior dificuldade pra ir pra lá. Ah, não, mas antes meu bairro mesmo. Sou mais meu bairro. O meu filho mora lá no [suprimido]. E a minha irmã mora lá no [suprimido]. Sábado eu fui pra lá, pra casa dela. Não deu pra mim voltar sábado porque não tinha ônibus. E dia de domingo só tem até 11 horas [da noite] e não tem mais ônibus pra lá, só na segunda-feira. (Interlocutora de Belém, 82 anos, 2023)

Todas as entrevistadas de Curitiba possuíam, na ocasião, carros à disposição utilizados em situações específicas, como ir até uma sessão de hidroginástica ou evento cultural. Sobre o transporte público, avaliaram positivamente indicando, inclusive, a circulação de carros híbridos e totalmente elétricos, chamando atenção a ausência de barulho e diminuição de gases poluentes. Um tipo de poluição e questão de saúde pública relatada é a presença e permanência de lixo (sólido e orgânico) em ruas da capital paraense, Belém. E pontos de descarte irregular de móveis, por exemplo, em trecho de rio em Curitiba. Ainda assim, os relatos sobre a coleta de lixo nessa cidade são positivos.

Me incomoda é muito lixo na rua e as calçadas que são muito, assim, destruída, muito quebrada, muito buraco, me incomoda muito. [...] Muito lixo na rua sem coleta. E as pessoas, também, contribuem pra isso, não é? Jogam muito lixo na rua sem necessidade, às vezes. Não é necessário jogar um sofá na rua, jogar um armário, uma geladeira, isso me incomoda muito. Em vez de plantarem uma árvore, jogam lixo na rua. Eu fico muito incomodada com isso. (Interlocutora de Belém, 69 anos, 2023).

O riacho que eu te falei que passa a gente vê a poluição ali dentro porque as pessoas não têm essa educação ainda de não jogar as coisas dentro do rio, não é? É colchão, é roupa, é caixotes, um monte de coisas assim. Isso não é agradável. [...] Problema em todo lugar existe, não é? Uns mais, outros menos. Eu, particularmente, nunca confrontei com problema nenhum, entendeu? Aqui é tudo muito organizado, lixeiro, horário do lixo, vem nos dias certos, nos horários certos. Eu não tenho o que reclamar, não, entendeu? (Interlocutora de Curitiba, 69 anos, 2023)

A categoria violência surgiu timidamente, em Curitiba as mulheres entrevistadas disseram tomar cuidados com os próprios carros, ao estacionar em lugares distantes dos destinos desejados uma delas disse fazer fotos do veículo, e que têm receios com assaltos, apesar de não terem presenciado um. Uma das entrevistadas de Belém disse que mesmo que o bairro onde mora seja considerado violento, criou os filhos no lugar e sente que está bem por lá.

É porque aqui é um bairro movimentado. Graças a Deus criei meus filhos, apesar de ser um bairro, como dizem, ser muito coisa [violento], mas eu criei meus filhos tudinho aqui. Graças a Deus tão uns formados, outros não se formaram porque não quiseram. E, graças a Deus, na minha família nunca teve, assim, atrito, assim, com o povo do bairro. Graças a Deus, eu me dou bem aqui, gosto daqui. (Interlocutora de Belém, 82 anos, 2023)

De modo geral, os aspectos da sociabilidade e da cultura parecem pontos de toque que atravessam as relações das mulheres de Belém e de Curitiba no bairro onde moram e para além deles.

Eu moro aqui há 40 anos, não é(?), e gosto muito do lugar que eu moro, é muito agradável, eu conheço os vizinhos. Então, o lugar que você mora, se você tá bem adaptada, bem sociabilizar, você gosta, e não tem muitas mudanças a fazer porque eu estou adaptada. Eu acho que eu sou muito feliz aqui e não tenho, assim, pontos negativos, difícil. (Interlocutora de Curitiba, 72 anos, 2023)

Então, adoro a cidade de Curitiba, limpa, organizada, eu acho, assim, tem tudo de bom. Eu não tenho o que reclamar de ônibus, eu não tenho o que reclamar de médico, eu não tenho a reclamar de nada. Eu tô sempre satisfeita e contente com as coisas que eu adquiero aqui, tá? E eu moro no bairro [suprimido], minha rua é duas quadras da [suprimido], entendeu? Mas, eu tô tranquila, um lugar calmo, sereno, uma ruazinha que não tem saída, poucos moradores, e os moradores são antigos, aqui, e é muito bom, pessoal convive bem, um respeita o outro e é bem tranquilo, bem gostoso. [...] Vou te dizer uma coisa, eu tenho hábito de dizer que a gente usa muito 0800, 0800 é quando é de graça, não é? Então, a gente tem muitos eventos. Agora, esse final de mês, vai vim a temporada de teatro. Mas, olha, é muita coisa bonita, é muita coisa boa pra você ir aqui, sabe. Então, a gente aproveita tudo. Eu aproveito tudo. Tenho umas amigas minhas que a gente combina e se encontra e a gente vai. [...] E, aos domingos, aqui tem uma feirinha no Largo da Ordem. Eu amo ir nessa feirinha! Não é pra comprar, é pra bisbilhotar, olhar, ver, conhecer outras coisas. Tem muitos trabalhos manuais, entendeu? E tem, também, no Memorial, eventos, danças, danças típicas. [...] Então, eu fico buscando, ao meu redor, tudo que tem de bom e que eu não preciso pagar. Ué! Se tá de graça, os outros vão, por que eu não posso ir? É só você buscar. Então, eu sempre faço isso, entendeu? (Interlocutora de Curitiba, 69 anos, 2023)

Aqui em Belém, primeiramente, o que mais me coisa é ver a igreja, igreja que tem aqui perto, eu vou pra cá. Eu fui lá pra comunidade [suprimido], aí uma vez eu vou pro [suprimido], quando eu vou pro Santuário [suprimido], quando não eu vou ali pro [suprimido], é assim. Eu fico correndo, não sou de ficar só num lugar, não. Aí, tirando disso que eu gosto muito são os meus projetos, tem o projeto de dança, o projeto de memória, o projeto de jogar bingo, de fazer exercício, tem nutrição, médico de, como é(?), memória, tem o médico de psicólogo. Eu amo muito essas aulas, assim. Gosto muito dessas aulas, assim. Olha a aula de memória eu faço na [suprimido], à tarde, quarta-feira, à tarde. A aula de exercício e com nutricionista eu faço aqui no Centro [suprimido], à tarde. A dança do carimbó eu faço aqui na biblioteca. Dança de salão, de coisa, eu faço lá na vila, lá de frente do Museu. E assim eu vou, aonde tiver, eu vou. (Interlocutora de Belém, 82 anos, 2023)

Mesmo tentando isolar ocorrências, elas se entrelaçam pela complexidade mesmo da vida social. Ainda, a poluição sonora apareceu registrando as considerações finais das entrevistadas sobre a vida onde moram. Vale chamar atenção ao fato de que a problemática da qualidade do sono também apareceu, aqui, relacionada diretamente.

Até quando eu recebo parentes aqui em casa eles falam: “nossa, como tudo tá quietinho aqui”. [...] Inclusive o ônibus passa aqui, agora, a gente nem ouve barulho de ônibus, agora, que ele assim é tudo assim sem motor, quase tudo híbrido aí. Bem sossegado. (Interlocutora de Curitiba, 65 anos, 2023)

É bem silencioso, dia e noite. Mas, às noites, tem na esquina agora, foi recém-inaugurada, uma lanchonete. Duas, aliás, uma ao lado da outra. E o pessoal fica, não é(?), abre 4 da tarde e vão madrugada adentro. Final de semana é um karaokê, é uma bebedeira e coisas do gênero, não é? Eu tenho vidros antirruído na janela do meu quarto e, se não fosse isso, eu acho que a gente não conseguiria dormir. E não adianta porque a Lei do Silêncio do município não funciona, não é? E aqui na praça, à noite, sempre passa uma pessoa ou que tá bêbada, ou que tá drogada e aí fica falando alto, grita, briga, às vezes duas pessoas que brigam. (Interlocutora de Curitiba, 72 anos, 2023)

O que me incomoda, não, só o barulho, assim, que às vezes é muito barulho. Essa noite eu não dormi, quase, porque é muito barulho de música, assim, alta, só. Mas, o resto não me incomoda. Eu não sou do tipo que me incomoda muito com as coisas, não. [...] É música, é carro, é moto, eles passam com muita velocidade, assim, na rua. Muita moto, toda hora, às vezes, tarde da noite a gente se assusta com tanto... E é aqueles sons, aqueles carros, aqueles som alto, é frequente. (Interlocutora de Belém, 69 anos, 2023)

Passa, isso aqui passa muito [carro de som], passa da igreja evangélica, passa da [incompreensível], passa anunciando do mercado, passa anunciando a festa da [suprimido] ali, todo dia passa da [suprimido], passa muito. A rua aqui é muito movimentada em tudo, nessa parte de carro, moto, ela é barulhenta. [...] Mas, que é barulhento é. A minha filha vem e dorme aqui em cima, ela dorme na

frente, tem noite que ela tem que ir lá pro quarto dela, também, porque é muito barulho. Principalmente quando tem uma festa pra cá, aqui na Bernardo Sayão, não é? Aquele restaurante é lá na beira do rio, não é? Aí, Deus o livre, é um barulho danado. (Interlocutora de Belém, 82 anos, 2023)

Independentemente da região onde se vive, o exercício comparativo com foco nas experiências das investigadas, a partir das aproximações e dos afastamentos percebidos, ajudou a validar a análise sobre possíveis influências na qualidade de vida durante o envelhecimento e na relação com o fenômeno da longevidade.

Longevidade, essa, percebida mais amplamente por meio dos índices expectativa de vida (se tem mais anos de vida no Sul e no Sudeste do Brasil), aqueles conectados à feminização da velhice (homens com menos anos de vida do que as mulheres), além das taxas de independência e autonomia que podem estar ligadas às condições de vida, urbana ou não, de saúde, participação social, entre outras frentes colocadas.

Prefere-se fazer uso, aqui, do termo interdependência, vista como a possibilidade de mover-se fisicamente com nenhuma ou alguma ajuda de outras pessoas ou acessórios de mobilidade, entre outros tipos de interdependência inerentes à vida em sociedade. Já autonomia é percebida a partir das ações que indicam autogoverno, pensar, refletir, decidir por si mesmo. Essas duas frentes se atravessam e são atravessadas por condições de moradia, por estágios da saúde física individual e/ou da saúde psicológica do núcleo familiar, pela experiência ao acessar o sistema público e preventivo de saúde (em várias áreas), pelas condições de mobilidade oferecidas na cidade/comunidade de residência (manutenção das ruas, do transporte público, do sistema de mobilidade urbana como um todo, incluindo as condições dos trabalhadores desse mesmo sistema), pelo acesso ao mercado de trabalho e a possibilidade de se manter financeiramente, mesmo após período considerado “ativo” de contribuição, pelo acesso aos setores culturais na direção da vivência ao estímulo à criatividade, à inventividade ou mesmo ao relaxamento.

O que se quer colocar aqui é a complexidade da vida social. Mesmo assim e resumidamente, foi possível perceber certa satisfação e tranquilidade nas impressões deixadas pelas interlocutoras da pesquisa moradoras de uma cidade com coleta de lixo regular e condições de moradia consideradas adequadas (LONGEVIVER, 2023), como a cidade de Curitiba, capital do Paraná. As interlocutoras de Belém, capital do Pará, demonstraram certa inquietude no quesito satisfação quando os assuntos moradia e mobilidade urbanas foram centrais, alguns pontos de prejuízos ao sono/sossego foram colocados relacionados à poluição sonora, além de pontos relacionados à insalubridades (exposição ao lixo, inconstância no abastecimento de água e uso de poços artesianos), à vivência a pé ou de transporte público sem ar condicionado, a considerar temperatura média alta em regiões próximas à linha do Equador.

## **Presente e futuro**

São todos esses fatores que *influenciam na qualidade do envelhecimento em meio ambiente urbano*? Acreditamos que sim. Ao caminhar até o mercado “uma pessoa idosa deve poder encontrar habitações acessíveis, bairros seguros, bancos para

descansar, banheiros públicos, calçadas e travessias disponíveis por toda parte, serviços de suporte, transporte público acessível e atendentes receptivos” (HERMINIO, 2022).

Todas essas foram ocorrências nas falas das mulheres interlocutoras da pesquisa. Conforme suas regiões de residência e cidades de moradia, compartilharam satisfações e insatisfações por meio das próprias impressões com os respectivos entornos. Mesmo que com olhar enquadrado por protocolos de pesquisa, fala-se sobre e com seres humanos. Esses, ou essas, que nos fizeram ver realidades recortadas em aproximações (puramente humanas) e distanciamentos (eventualmente estruturais), compondo o conjunto das diferenças inerentes à gestão capitalista do social, refletindo na experiência desigual nas cidades.

A pesquisa se faz, entre outras frentes de valor, na exposição desse caminho entrecortado de atravessamentos com o objetivo de tornar-se parte do processo de mudança social na direção da equidade nos acessos e na manutenção da vida de qualidade no envelhecimento, em cidades ou ambientes urbanos. A intenção desta pesquisa é ir além dos dados e alcançar as sensibilidades, pois somos todos humanos, tendo que viver e conviver em gigantescas aglomerações artificiais: meios que criamos e que nos afetam diariamente, em nossos comportamentos, tristezas, felicidades, rotinas e em tudo que fazemos.

### **Agradecimentos**

Ao Itaú Viver Mais, ao Portal do Envelhecimento e Longeviver, à Universidade Aberta da Maturidade (UAM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), aos Professores Doutores Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco e Taiuani Marquine Raymundo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), à colaboradora Thais Caroline de Almeida Peniche e a todas as interlocutoras que construíram esta pesquisa em coletivo. Obrigado!

### **Referências**

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 2006. 77-101. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/11735>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

CLIMATE-DATA.ORG. **Clima Belém**. 2023a. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/para/belem-4299/>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CLIMATE-DATA.ORG. **Clima Curitiba**. 2023b. Disponível em: [https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/parana/curitiba-2010/#google\\_vignette](https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/parana/curitiba-2010/#google_vignette). Acesso em: 17 ago. 2023.

HERMINIO, Beatriz. **Envelhecimento saudável depende da qualidade do ambiente urbano, avaliam pesquisadores**. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/envelhecimento-saudavel-depende-da-qualidade-do-ambiente-urbano-avaliam-pesquisadores>. Acesso em: 21 ago. 2023.

LONGEVIVER, Portal do Envelhecimento e. **Plataforma Longeviver**. 2023. Disponível em: <https://plataforma.longeviver.com/longeviver/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

OMS, Organização Mundial da Saúde -. **Guia global**: cidade amiga do idoso. Genebra: Oms, 2008. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil\\_Amigo\\_Pessoa\\_Idosa/publicacao/guia-global-oms.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/publicacao/guia-global-oms.pdf). Acesso em: 16 ago. 2023.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, abr. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200016#:~:text=Em%20termos%20gerais%2C%20o%20m%C3%A9todo,que%20a%20ele%20se%20conta..](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016#:~:text=Em%20termos%20gerais%2C%20o%20m%C3%A9todo,que%20a%20ele%20se%20conta..) Acesso em: 12 mai. 2023.

ONU BRASIL, Nações Unidas Brasil. **ONU-Habitat**: população mundial será 68% urbana até 2050. população mundial será 68% urbana até 2050. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-ser%C3%A1-68-urbana-at%C3%A9-2050>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SIMÕES, Camila de Andrade; SIMÕES, Andrei de Souza; PENICHE, Thais Caroline de Almeida. **Percepções de mulheres de Belém e Curitiba sobre suas cidades**. 2023. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/percepcoes-de-mulheres-de-belem-e-curitiba-sobre-suas-cidades/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

*Data de recebimento: 20/09/2023; Data de aceite: 20/09/2023*

---

**Camila de Andrade Simões** - Jornalista, Doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), integrante do grupo de pesquisa Information & Media Lab (InfoMedia) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), colaboradora do Portal do Envelhecimento e Longeviver. E-mail: [camilasimoescontato@gmail.com](mailto:camilasimoescontato@gmail.com). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8416215576977042>

**Andrei de Souza Simões** - Licenciado pleno em Biologia, Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento pelo Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Professor Universitário na área da saúde, Escritor de ficção social há mais de 20 anos em literatura e em quadrinhos. E-mail: [andreisimoes@gmail.com](mailto:andreisimoes@gmail.com). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3942724693024966>